

31 JAN 1985

POLÍTICA

Advogados cobram de Tancredo a Constituinte-já

Num ato público em que o deputado Airton Soares foi muito vaiado, eles pediram uma Constituição que garanta as reformas.



Bastos, Soares e Gandra: a defesa da Constituinte no ato público na Faculdade de Direito São Francisco.

A convocação imediata de uma Assembleia Nacional Constituinte foi o pedido que a maioria dos representantes dos advogados em São Paulo fizeram ao futuro presidente Tancredo Neves, durante um ato público que reuniu ontem à noite, cerca de 1.500 pessoas na Faculdade de Direito São Francisco.

Entre os oradores, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, de São Paulo, Márcio Tomás Bastos, foi o mais enfático nesse aspecto: "Sabemos que é preciso revogar a legislação autoritária, remover o entulho dos últimos 20 anos e mobilizar o povo antes de se lançar à tarefa da Constituinte. Mas não podemos deixar que essas tarefas sirvam de pretexto para uma demora da convocação de uma Constituinte. Nós precisamos dela já, porque este é o momento da transformação", afirmou, condenando a idéia de Tancredo, do Congresso com Poderes Constituintes.

A tarefa de fazer a nova Constituição é tão séria, tão forte que ela precisará de todo o povo e só se conseguirá isso convocando-se uma Assembleia Nacional Constituinte e abandonando-se de uma vez por todas a idéia de um Congresso com Poderes Constituintes.

O presidente da OAB de São Paulo falou ainda como imaginava a nova Constituição. Disse que não interessava uma Carta "puramente liberal como foi a de 1946" e que era necessária uma Constituinte moderna que garanta as reformas de que o País necessita: agrária, sindical, urbana e fiscal.

Mas, além dos discursos, dois fatos marcaram o ato público pela Constituinte: a sonora vaia que o deputado Airton Soares, do PT, levou no momento em que anunciou sua presença pelo microfone e a ausência de Montoro, do prefeito Mário Covas e a presença de apenas dois secretários de Estado: José Carlos Dias e Michel Temer.

Airton Soares que foi vaiado por militantes do PT (por ter comparecido ao Colégio Eleitoral) mal conseguiu falar. "Acima do partidos, temos um compromisso com a democracia. Não tenho por que temer. Se as vaias são porque participei desse processo... as vaias e os aplausos são uma prática democrática. Estamos lutando por um país melhor. A direita não está aqui. A Constituinte é a palavra. Obrigado a vocês. Saímos unidos. Vaias e aplausos fazem parte desse processo."

Em contraste com Airton Soares, que mesmo aos gritos no microfone teve suas palavras abafadas pelas vaias e pelos gritos de "traidor" misturadas com tímidos aplausos dos peemedebistas do PMDB, o deputado Eduardo Suplicy acabou sendo um dos mais aplaudidos quando seu nome foi anunciado ao microfone.

Outro assunto comentado enquanto os oradores começavam a discursar, (além da vaia a Airton Soares) foi a ausência de Montoro. O governador mandou apenas seu representante jurídico, Eduardo Mulyaert. Um sinal interpretado como boicote de Montoro à campanha da Constituinte foi a ausência da banda da PM, que embora solicitada pelos advogados não apareceu e acabou sendo substituída pela bandinha de músicos desempregados da Praça da Sé.

O contundente

O mais contundente entre todos os oradores foi o bispo D. Mauro Morelli, de Caxias. Ele pediu uma Constituinte para "subverter a ordem que nos encontramos, do Estado dominando a Nação. Disse que o espetáculo que se se vê no País é de "um povo prostituído e não constituído" e que era preciso acabar "com o lixo legal que impede a participação do povo brasileiro". Numa comparação com a bandeira brasileira, D. Mauro afirmou que via a inscrição "Ordem e Progresso" mas, que tinha "vergonha da desordem que se estabeleceu no País. A ideologia da ordem torturou tantas pessoas e o progresso fez a maioria da Nação esfarrapada e faminta". Dentro desse quadro disse que era seu dever lutar pela Constituinte que, segundo ele, deve contar com a participação de todos, inclusive dos analfabetos.

Na mesma linha do presidente da OAB de São Paulo, o presidente da OAB do Brasil, Mário Sérgio Duarte Garcia, pregou a convocação imediata da Assembleia Constituinte "para impedir que as forças conservadoras possam se perpetuar no poder e impedir sua convocação até 1988". Ele pediu ainda uma Constituinte "realmente resultante da vontade popular" e a "união de todos os brasileiros para essa tarefa".

O presidente do Instituto dos Advogados, Ives Gandra enfatizou em seu discurso a maturidade política do povo brasileiro. "Estamos convencidos que o Brasil e os brasileiros darão ao mundo uma lição, porque conseguiram superar um autoritarismo sem precedentes e passar para uma democracia sem derramamento de sangue. É uma lição de civilidade." Esse fato, segundo Gandra, mostrou que o brasileiro está preparado para elaborar sua própria Constituição "sem necessidade de tutela. Por isso, o Instituto dos Advogados está certo que essa pira que será acesa não é apenas a da liberdade mas a de uma lição de alta politização".

Falaram ainda o presidente da Associação dos Advogados, José Roberto Batóchio, que, referindo-se indiretamente a Tancredo Neves, disse que "quem sempre repudiou o autoritarismo não pode permitir que se continue vivendo sob suas regras", e o presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, Fernando Haddad.

Entre os políticos do PT, PTB e PDT, apenas o deputado Airton Soares foi ao microfone tentar acabar com as vaias quando viu seu nome anunciado. Os outros não falaram. E, das 41 entidades presentes, apenas o representante da CUT discursou. O ato público foi encerrado quando Márcio Tomás Bastos, da OAB, e o presidente do XI de Agosto, ao som do Hino Nacional, acenderam a pira que marcou o lançamento da campanha e que permanecerá acesa até que a Constituinte seja convocada.

ANC 88
Pasta 82/85
039/1985